

MEDIALIDADES BIOGRÁFICAS, PRÁTICAS DE SI E DO MUNDO¹

■ CHRISTINE DELORY-MOMBERGER

 <https://orcid.org/0000-0002-8425-0175>

Université Paris Nord

■ JEAN-CLAUDE BOURGUIGNON

 <https://orcid.org/0009-0009-9954-780X>

Le Sujet dans la Cité

RESUMO

As noções de “medium” e de “medialidade” trazem uma renovação fecunda para maneira de se conceber as relações das mediações com o si mesmo. Elas permitem mostrar o papel decisivo do *medium*, de sua natureza e de suas formas de modelagem específicas que levam ao reconhecimento de que o sujeito se constitui mediante ações práticas com o *mediums pelos* quais e *nos* quais a subjetividade se constitui. De modo que a noção de “práticas automediais” abrange todas as formas de expressão e de linguagem: falada e escrita, fotográfica, visual, auditiva, gráfica, plástica, digital, corporal, gestual, cênica entre outras. Por conseguinte, a reflexão sobre a “medialidade”, ao tempo em que amplia o campo da prática, traz aberturas para os procedimentos de formação e de abordagens mais conscientes do papel constitutivo das mediações nos processos de construção do sujeito.

Palavras-chave: Medium. Medialidade. Biografização. Processos de subjetivação. Práticas de si.

ABSTRACT

BIOGRAPHICAL MEDIALITIES, PRACTICES OF THE SELF AND THE WORLD

The notions of “medium” and “mediality” bring a fruitful renewal to the way of conceiving the relationship between mediations and the self. They make it possible to show the decisive role of the medium, its nature and its specific forms of modeling, which lead to the recognition that the subject is constituted through practical actions with the mediums through which and in which subjectivity is constitut-

¹ O texto foi anteriormente publicado no número especial da Revista *Le sujet dans la cité.*, n. 9, juillet, 2020. Tradução de Maria da Conceição Passeggi.

ed. Thus, the notion of “self-mediated practices” covers all forms of expression and language: spoken and written, photographic, visual, auditory, graphic, plastic, digital, bodily, gestural, scenic, among others. Therefore, reflection on “mediality”, while broadening the field of practice, opens up training procedures and approaches that are more aware of the constitutive role of mediations in the processes of subject construction.

Keywords: Medium. Mediality. Biography. Process of subjectivation. Self-practices.

RESUMEN **MEDIALIDADES BIOGRÁFICAS, PRÁCTICAS DEL YO Y DEL MUNDO**

Las nociones de “medio” y “medialidad” aportan una renovación fructífera a la manera de concebir la relación entre las mediaciones y el yo. Permiten mostrar el papel decisivo del medio, su naturaleza y sus formas específicas de modelación, que llevan a reconocer que el sujeto se constituye mediante acciones prácticas con los medios a través de los cuales y en los cuales se constituye la subjetividad. Así, la noción de “prácticas automediadas” abarca todas las formas de expresión y lenguaje: hablado y escrito, fotográfico, visual, auditivo, gráfico, plástico, digital, corporal, gestual, escénico y otros. Por lo tanto, la reflexión sobre la “medialidad”, a la vez que amplía el campo de la práctica, abre procedimientos y enfoques de formación más conscientes del papel constitutivo de las mediaciones en los procesos de construcción del sujeto.

Palabras clave: Medio. Medialidad. Biografización. Procesos de subjetivación. Prácticas del yo.

Contribuições das noções de medialidade e de medium²

Falar de “medialidades biográficas” é sugerir que os processos de constituição do sujeito têm como base os *mediums*, que são objetos de *mediações* e concernem aos processos de *medialidade*. Processos que na pesquisa biográfica em educação são abordados em termos

de *trabalho biográfico* ou *processo de biografização*, segundo Delory-Momberger (2019). Trata-se então de saber: que contribuições essas noções trazem para a pesquisa biográfica? Em que elas permitem ampliar o escopo das práticas biográficas? De que modo elas proporcionam uma melhor compreensão dos processos de subjetivação que contribuem para a construção de ser um si mesmo no mundo?

Uma primeira contribuição é de ordem quantitativa ou extensiva da noção de “me-

² O termo “médium”, com acento, no texto original, será aqui substituído por “medium”, sem acento, ambos se referem à noção de (inter)mediação. A intenção é diferenciá-los. Enquanto o termo “médium”, usual no Brasil, refere-se à “mediunidade”, “medium” se refere aqui à “medialidade”.

dialidades biográficas”. Essa noção leva-nos a considerar que há uma grande diversidade de *mediums* assim como de práticas mediais. Embora tenhamos tendência a nos concentrar nas mediações discursivas e, mais particularmente, em narrativas orais ou escritas, todas as práticas nas quais se exerce um *fazer* estético, sensível, criativo podem ser consideradas *medialidades biográficas*. Esse fazer abrange todas as formas de expressão e de linguagens: faladas, escritas, fotográficas, sonoras, gráficas, plásticas, digitais, corporais, gestuais, cênicas etc. E, no campo das formas narrativas propriamente dito, elas permitem ampliar a narrativa a outras modalidades expressivas, que fazem uso de imagens, desenhos, quadri-nhos, fotografias fixas ou animadas, tais como: filmes, mangás, novelas, séries etc.

Uma segunda contribuição é de natureza qualitativa. Para compreendê-la, precisamos esclarecer o significado da noção de *medium*, que se encontra no centro do conceito de “medialidade”, que tem origem na história da arte e da estética. Foi o crítico de arte norte-americano Clement Greenberg (1909-1994) quem introduziu a ideia de “*médium*” em um artigo publicado em 1960 e intitulado “Modernist Painting” (“Pintura modernista”). O autor defende a ideia de que o projeto de toda arte consiste em descobrir e em desenvolver o que constitui suas características específicas. Tomando a pintura como exemplo, Greenberg considera que ela é definida por apenas dois critérios: por um lado, a superfície plana da tela e seu espaço bidimensional e, por outro, o próprio material pictórico: a “tinta”, os “pigmentos” no sentido mais material. Segundo Greenberg, o artista pintor é aquele que se defronta com as especificidades do *medium* da pintura e leva os elementos constitutivos dessa arte ao seu mais alto grau de criatividade. Não se trata mais do “tema” ou do “motivo” representado na tela, nem da semelhança, ou não, com o

mundo real – objetos, personagens, paisagens etc. –, mas unicamente de suas características físicas e materiais a partir das quais e nas quais se exerce o gesto pictural.

Para além das teses de Greenberg e da maneira como o autor as aplica à história da arte, a noção de *medium* concerne à fisicalidade dos materiais de todas as artes, de seus traços específicos, de suas limitações e de suas exigências, assim como das aberturas e das possibilidades relativas à sua materialidade, como afirma Jacques Rancière:

A palavra ‘medium’ significa primeiramente ‘o que está entre’: entre uma ideia e sua realização, entre uma coisa e sua reprodução. O *medium* aparece, portanto, como um intermediário, o meio para um fim ou o agente de uma operação. Ora, a teorização modernista que fazia da ‘fidelidade ao medium’ o princípio da arte inverte essa perspectiva. Este *médium*, a cuja especificidade é preciso ser fiel, não é mais simplesmente o instrumento da arte. Ele se torna a própria materialidade que define sua essência. [...] Então o *medium* não é mais o meio para um fim. Ele é propriamente o que prescreve esse fim (Rancière, 2008, p. 1).

Ao que poderíamos acrescentar a maneira pela qual as características específicas de cada arte definem sua forma de “aparecer” no mundo, sua “ecologia” e, portanto, suas condições de “implementação”. Se considerarmos, por exemplo, a escultura, ela seria uma forma de arte “física”, em termos do material do qual é feita – a pedra, a argila, o bronze, o metal –, tanto por seus modos de fabricação e os instrumentos que ela requer, quanto pelo espaço tridimensional no qual ela opera, pela deambulação e pelo tocar mediante os quais ela convida o espectador. Mas se considerarmos por exemplo a fotografia – etimologicamente “escrita da luz” – como outra forma de arte, veremos que ela requer uma “câmera” (analógica ou digital), processos particulares (negativos, impressão, no caso da fotografia analógica) e

práticas de exibição e distribuição (galerias, álbuns, livros etc.). Poderíamos assim analisar todas as artes – desde a música até a dança, do teatro ao cinema, da poesia ao romance – para tentar definir traços específicas de cada uma delas. E, para cada uma, mostrar como sua própria materialidade abre caminhos particulares de criação, produz formas e linguagens específicas. O termo *affordances*, do verbo inglês *to afford*, “permitir”, “oferecer a possibilidade de”, poderia ser usado aqui para designar as “potencialidades” oferecidas pelo *medium* de cada arte, para descrever o espaço e as modalidades próprias das quais se dispõe para fazer arte:

A noção de *medium* designa, então, a *materialidade* específica de cada arte, na medida em que ele se torna o próprio objetivo e o lugar do gesto artístico. O *medium* constitui o domínio de competência específica de cada arte (Beauvois, 2017, p. 3 – grifos do autor).

De modo que essa forma de pensar o *medium* opera uma reversão completa do que pensávamos sobre a relação entre matéria e forma. Na tradição estética clássica, cuja origem remonta a Aristóteles, a matéria é passiva e a forma é ativa, pois é a forma que vai ativar a matéria (*hylomorphism*). Contrariamente a essa maneira de pensar, é o *medium*, a matéria, que tem a potência da forma, uma vez que “a matéria é em si mesma uma forma” (Guérin, 2016, p. 2). Considerada como um *medium*, a matéria dá sua forma à obra de arte, pois a forma está *na* matéria. De modo que a materialidade da arte, na qual o artista se experimenta como um si mesmo no seu trabalho de criação, abre as formas da obra de arte em devir:

O *medium* seria o modo artístico de ser de um material. Mais precisamente, seria o conjunto de materiais, em seus usos e destinações artísticas, em sua modalidade artística – e que, portanto, definem assim a arte do *medium* em questão. *Medium*, aliás material transcendido, é

um material que escapa de sua condição mundana e prosaica (Krajewski, 2016, p. 2).

Autobiografia, automedialidade e processos de constituição do sujeito

Se a pintura e as artes plásticas em geral foram o cadinho no qual nasceu a noção de “*medium*”, devemos à reflexão crítica sobre a autobiografia o surgimento da noção de “automedialidade” e os vínculos que ela estabelece entre o *medium* e a relação consigo mesmo. A *auto-bio-grafia* tinha todos os motivos para desempenhar esse papel crítico. A própria morfologia do termo estabelece literalmente a relação entre um *medium*, a *escrita* (*grafia*) e a referência a si mesmo (*autos*). Essa relação existente na composição da palavra é mediada por um terceiro termo: (*bios*) a vida, que impõe aos dois primeiros a transitividade de um conteúdo destinado a ocupar todo o espaço, obscurecendo ao mesmo tempo a especificidade do *medium*. A partir de então, a crítica literária só poderia examinar a relação entre *bios* e *autos* – entre *a vida* e *o eu* –, dando uma atenção especial às *condições de verdade* ou de veracidade da narrativa autobiográfica. Essa condição de verdade é, para Philippe Lejeune (1975), o propósito do “pacto autobiográfico”, que submete todo texto autobiográfico ao debate incessante de sua relação com a realidade, considerada a verdade, e a ficção.

A partir dos anos 1970, outras vozes permitirão restabelecer o lugar da *escrita* no processo autobiográfico. Em 1979, o teórico literário Paul de Man (1919-1983) questionava a impossível definição da autobiografia e negava que ela pudesse constituir um gênero literário, por se apresentar sob uma ampla diversidade de formas. Acima de tudo, Paul de Man inverte a relação de determinação entre a vida e a au-

tobiografia para enfatizar as potencialidades e restrições da escrita para dar forma à vida:

Admite-se o fato que a vida gera a autobiografia, assim como um ato gera suas consequências. No entanto, poderíamos sugerir, com a mesma segurança, que o projeto autobiográfico é também suscetível de gerar e determinar a vida? E, independentemente do que faça o autor, sua ação é regida pelas exigências técnicas do autorretrato e, portanto, determinada pelos recursos de sua escrita? (Paul de Man, 1979, p. 920).

Paul de Man rompe assim com uma tradição que vê o discurso e a escrita autobiográfica como instrumentos neutros da representação de si, esquecendo-se das construções históricas, sociais, culturais, literárias das quais elas provêm e das quais elas são claramente o produto. De modo que Paul de Man é um dos primeiros teóricos a reconhecer a dimensão *medial* do discurso autobiográfico e de sua capacidade de fornecer elementos formais específicos de uma *escrita da vida*. É com base nessa representação renovada da autobiografia como um *medium* que os teóricos Dünne e Moser (2008) procuram desenvolver a noção de “automedialidade”:

O desafio é desconstruir uma concepção tradicional da autobiografia, na qual a escrita é concebida como um mero instrumento de representação da *bios*, na direção de uma ‘autografia’, a saber de uma relação consigo mesmo que se constitui de forma medial na escrita e até mesmo – se estendermos o objeto de estudo para outros mediums e às formas de relação com o si mesmo que eles possibilitam – na direção de uma ‘automedialidade’ generalizada (Moser; Dünne, 2008, p. 16).

Para pesquisadores e profissionais que atuam no âmbito da pesquisa biográfica, o interesse de levar em conta e talvez de se apropriar dessa abordagem do *medium* sob o ângulo da automedialidade é o seguinte: ao mudar e ao ampliar o ponto de vista sobre os supor-

tes e as mediações do trabalho biográfico, a automedialidade também leva a uma mudança na maneira como os modos de constituição do sujeito são concebidos. Em particular, ela nos leva a pensar que as mediações que usamos, como as da narrativa, por exemplo, são muito mais do que meros instrumentos que servem de suporte para a expressão de uma subjetividade já formada. Bem pelo contrário, elas são práticas *por meio das quais e nas quais* uma subjetividade *em ato* é experimentada e encontra suas formas. Em outras palavras, Michel Foucault (2001a, 2001b) nos ensinou, que o “sujeito” não é dado em si e por si mesmo, ele se constitui por meio de “práticas de si” ou de “técnicas de si”, recorrendo a mediações externas. A “relação com o si mesmo”, segundo Foucault, implica uma noção de reflexão que não se refere ao recolhimento interior de um sujeito, pois, nesse sentido, o conhecimento de si seria o reflexo passivo de uma essência que sempre existiu. Para Foucault, a reflexão significa o fato de um indivíduo se exteriorizar com relação ao médium, que faz de si um objeto suscetível de um trabalho ativo de modelagem (Moser; Dünne, 2008, p. 17). Quer se trate da escrita enquanto *medium* em suas muitas formas, suportes e dispositivos, ou de qualquer outro *medium* – pintura, fotografia, música, dança, teatro etc. –, a noção de automedialidade faz emergir os desvios e a exteriorização necessária para mediar a relação do sujeito consigo mesmo:

A fim de constituir uma relação consigo mesmo, o indivíduo é obrigado a se desviar de uma exteriorização medial. Paradoxalmente, a relação de um sujeito consigo mesmo só é possível rompendo com o estado do ser-em-si e de uma negociação imediata com o si mesmo, tomando emprestada a exterioridade de um médium. Não existe um si mesmo sem uma relação reflexiva consigo, e não existe uma relação consigo sem recorrer à exterioridade de um meio técnico que abre para o indivíduo o espaço de uma

prática de si. Nesse sentido, a noção de automedialidade postula uma interconexão constitutiva do dispositivo medial, da reflexividade subjetiva e do trabalho prático sobre si mesmo (Moser; Dünne, 2008, p. 18).

A experiência automedial abre, portanto, um espaço de criação em que se encontra o movimento de uma pesquisa sensível sobre o material e sobre “fazer” uma obra de arte. A reflexão subjetiva acompanha o gesto criativo e o trabalho de um sujeito agindo sobre si mesmo ao agir sobre os materiais e as formas do *medium* que ele pratica. Esse é o gesto automedial. Gesto que faz da relação consigo mesmo o lugar de um trabalho incessante de materiais, de formas, de linguagens, de dispositivos, em suma, de mediações exteriores por meio das quais e nas quais a experiência de subjetivação é constituída. Nessas práticas mediais é que se inventam e se engendram a modelagem de si e a modelagem da obra, a experiência de si e a experiência da criação, a tal ponto que já não pode mais se distinguir uma da outra.

Medialidades, práticas do si e do mundo

A noção de *medium* tem suas origens no campo da arte e da estética. De modo que os *mediums* sobre os quais discutimos até aqui se referem a formas de arte e de práticas artísticas instituídas. Entretanto, há muitas outras áreas de atividade humana que podem ser consideradas como medialidades biográficas e dar origem a práticas mediais. Assim, podemos evocar todos os tipos de práticas artesanais, culturais, de *savoir-faire* individuais ou coletivos nas quais as artes de fazer são empregadas. Incluem-se aqui desde a prática da cerâmica ao trabalho com a madeira, da costura à jardinagem, da participação em uma oficina de escrita à prática de uma arte marcial, da escri-

ta de um diário ao teatro amador, da dança ou do canto coral, da manutenção de um *blog* a várias formas de postagem nas redes sociais entre outras. Amplia-se assim o que Greenberg pretendia e o que é geralmente entendido pelos teóricos do *medium* no campo artístico ou técnico. Tomando emprestada uma formulação encontrada na revista *Appareil*, consideraremos enquanto prática de um *medium* qualquer prática criativa “que desenvolva um jogo autônomo de percepção e de sensibilidade, que ao afetar uma singularidade, ele a transforme”.

Dois exemplos podem ser aqui pontuados: um enraizado em uma tradição rural e um outro inscrito num uso atual, ambos permitem ilustrar como essas práticas adquirem uma dimensão ao mesmo tempo medial e automedial. O primeiro é relatado em um dos textos fundadores da abordagem biográfica, o livro de Maurizio Catani, *Tante Suzanne*, publicado em 1982. *Tante Suzanne* (*Suzanne Macé*) conta a história de sua vida, aos 70 anos de idade, no jardim que ela possui no subúrbio. E é no microcosmo desse jardim que Tante Suzanne inscreve os lugares, os momentos e as pessoas de sua vida. Assim como um romancista faz com seus personagens, Tante Suzanne “planta” as pessoas que significaram algo para ela. Os objetos ou os vegetais que a representam em determinados espaços do jardim simbolizam o papel desempenhado por cada um no sistema de relacionamentos e de valores da narradora: as fundadoras da família, os pais, os primos, o marido, os filhos e os amigos. Por meio de seu jardim e do espaço que essas pessoas representam em sua vida, Tante Suzanne recria o mundo para seu próprio uso, agindo simbolicamente sobre ele. O exemplo de Tante Suzanne mostra como uma prática do mundo – o jardim – vem *mediar* uma relação com o si mesmo, inscrevendo-o nos espaços, nas linhas, nas formas de uma *arte de fazer*. Para Tante Suzanne, *fazer seu jardim é fazer sua vida*.

O segundo exemplo, mais contemporâneo, é o das publicações no Facebook. Autores de um estudo sobre o Facebook fazem uma análise detalhada dos parâmetros estabelecidos pela plataforma e das regras explícitas e implícitas, visíveis e invisíveis de seu funcionamento. Eles mostram como essas características do *medium* Facebook formatam o espaço de comunicação oferecido pela plataforma, as formas de expressão de si, nela desdobradas, e definem modos de fábrica de si num mundo hiperconectado, povoado de identidades narrativas, visuais e digitais em constante transformação.

O que acontece com uma “prática de si e do mundo” nessas formas de atividade individual ou coletiva que nos levam a tomar caminhos de um *fazer* – artístico, artesanal, cultural, social – produtor de formas, de objetos, de obras? É nessa produção de formas e de objetos vinculados ao registro particular do *medium* praticado que entra em jogo a relação do si mesmo com o mundo, e do mundo com o si mesmo? De que maneira a prática de tal medial pode ser para cada indivíduo, sua maneira de habitar o si mesmo fazendo, trabalhando, uma forma de habitar o mundo? Essas perguntas buscam compreender em que uma prática artística, um fazer estético – uma *prática sensível* – configura-se como um lugar de uma relação com o si mesmo que assume o lugar de um terceiro, que é o *medium* e do mundo. De formas que ele abre no “real” e, reciprocamente, o lugar de uma relação com o mundo no qual a *alteridade do eu* é experimentada e vivenciada – o *si mesmo como um outro*, para retomar a formulação usada por Paul Ricoeur (1990) para resumir a experiência que o eu tem de si mesmo ao experienciar sua própria alteridade.

Talvez precisemos começar tomando como base a materialidade do *medium* e da experiência que o *eu* estabelece consigo mesmo e com o mundo. Aqui, fotografias e textos. Em

outro lugar, formas plásticas. Ou ainda sons, corpos em movimento. Sempre um espaço de matérias, de formas, de sensações, abertas à observação, à exploração, à combinação e às vezes ao corte, à modelagem. Abertas a um gesto físico e mental, à tentativa arriscada de uma ação sensível. Sensível porque ela brinca com materiais, formas e sensações. Sensível porque arrisca o *sentido*, o propõe, o suspende, o transforma... Mais uma vez, é uma questão de nos libertarmos de uma concepção “transparente” do *medium* como veículo neutro entre o “eu”, a “vida” e o “mundo”, entre um sujeito enquanto subjetividade ativa e as formas nas quais ele dá forma às representações de si mesmo e do mundo. O *medium* é este lugar particular, esta matéria específica em que um “eu” se experimenta a si mesmo numa relação conjunta consigo mesmo e com o mundo, um si mesmo que não é anterior a essa formatação, que não remete a uma existência antecedente, a um estado preestabelecido e substancializado, mas que busca a si mesmo, experimenta a si mesmo, dá forma a si mesmo no próprio gesto de uma ação sensível sobre o mundo.

À guisa de conclusão

O que é próprio do *medium* e da medialidade que ele instaura é, portanto, oferecer a estrutura, os materiais, as formas de um *agir* particular no mundo e sobre o mundo. É nesse agir qualificado e materializado que o praticante de um determinado *medium* encontra o lugar de uma ressonância consigo mesmo, de uma linguagem de si mesmo, de uma prática de si constitutiva de uma subjetividade em ação e de uma ipseidade, jamais paralisada, que nunca deixam de *se experimentar*, de tentar a experiência delas mesmas. O agir medial é, portanto, o lugar de um movimento duplo e recíproco de *afetação: afetação de si e afetação do*

mundo, reagindo um ao outro e um sobre o outro. Para retomar as palavras de Dewey (2010, p. 55) sobre a experiência estética, diremos que a experiência medial “em vez de significar o enclausuramento em nossos próprios sentimentos e sensações, [...] significa um comércio ativo e alerta com o mundo”. Segundo Moser & Dünne (2008, p. 17), na visão de Foucault, a reflexão significa, ao contrário, o fato de que um indivíduo se exterioriza em relação a um *medium* e esse último faz do eu um objeto suscetível de ser moldado ativamente.

Referências

Beaubois, V. Le concept de médium chez Arthur Danto: les choses banales comme médiums? **Appareil**, 18, 2017. Disponível em: 05 jun. 2020. <https://journals.openedition.org/appareil/2363>. Acesso em: 05 jun. 2020.

Catani, M. & Mazé, S. **Tante Suzanne. Une histoire de vie sociale**. Paris: Librairie des Méridiens, 1982.

Dardot, P. La subjectivation à l'épreuve de la partition individuel-collectif. **Revue du MAUSS**, 38, 235-258, 2011. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-du-mauss-2011-2-page-235.htm>. Acesso em: 05 jun. 2020.

Delory-Momberger, C. Biographie, biographique, biographisation. In: C. Delory-Momberger (dir.). **Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique**. Toulouse: Erès, 2019. p. 47-51.

Dewey, J. [1934]. **L'art comme expérience**. Paris: Gallimard Folio, 2010.

Dünne, J. & Moser, C. (Hrsg). **Automedialität**. Subjektkonstitution in Schrift, Bild und

neuen Medien. München: Wilhelm Fink, 2008.

Goodman, N. [1984]. L'implémentation dans les arts. **L'Art en théorie et en action**.

Paris: Gallimard Folio Essais, 1996, p. 63-68.

Guérin, M. Qu'est-ce qu'un médium artistique? **Appareil**, 17, 2016. Disponível em: <http://appareil.revues.org/2308>. Acesso em: 05 jun. 2020.

Foucault, M. Les techniques de soi. **Dits et écrits II**. 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001a. p. 1602-1632.

Foucault, M. L'écriture de soi. **Dits et écrits II**. 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001. P. 1234-1249.

Greenberg, C. La peinture moderniste. **Forum Lectures**. Washington DC: Voice of America, 1960. Tradução de P. Krajewski. **Appareil**, 2016. Disponível em: <http://appareil.revues.org/2302>; DOI: 10.4000/appareil.2302. Acesso em: 05 jun. 2020.

Krajewski, P. Le médium de l'art. **Appareil**, 17. Disponível em: <http://appareil.revues.org/228>, 2016.

Luyat, M. & Regia-Corte, T. Les affordances: de James Jerome Gibson aux formalisations récentes du concept. **L'Année psychologique**, 109, p. 297-332, 2009. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-l-annee-psychologique1-2009-2-page-297>. Acesso em:

Moser, C. & Dünne, J. Automédialité. Pour un dialogue entre médiologie et critique littéraire. **Revue d'Études Culturelles**, 4 (L'automédialité contemporaine, sous la direction de B. Jongy), p. 11-20, 2008.

Man, P. de. Autobiography as de-facement. **Modern Language Notes**, v. 94, n° 5, p. 919-930, 1979.

Rancière, J. Ce que « medium » peut vouloir dire: l'exemple de la photographie. **Appareil**, [Enligne], 2008. Disponível em: <http://appareil.revues.org/135>. Acesso em: 05 jun. 2020.

Ricœur, P. **Soi-même comme un autre**. Paris: Seuil, 1990.

Recebido em: 10/10/2023

Revisado em: 12/11/2023

Aprovado em: 18/11/2023

Publicado em: 27/12/2023

Christine Delory-Momberger é professora em Ciências da Educação da Universidade Paris 13, Sorbonne Paris Cité. Professora associada do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Fundadora da Universidade Ouverte du Sujet dans la Cité (UOSC) e presidente do Colégio

Internacional da Pesquisa Biográfica em Educação (CIRBE). diretora científica da revista *Le sujet dans la Cité. Revue internationale de recherche biographique* e codiretora – em colaboração com Alain Brossat e Michel Agier – das edições extras da revista *Actuels*. E-mail: delory@univ-paris13.fr

Jean-Claude Bourguignon é professor de Letras, professor da Université Sorbonne Paris Nord, membro do Colégio Internacional da Pesquisa Biográfica em Educação (Cirbe). Chefe de redação da revista *Le sujet dans la Cité*. E-mail: jean-claude.bourguignon@club-internet.fr